

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.440
Sexta-feira, 3 de Agosto de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Q Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5399-C
Officina de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Ao comício público que hoje se efectua às 17 horas, devem comparecer todos os inquilinos, demonstrando assim a sua repulsa pela tirania dos senhorios e daqueles que os defendem.

Outra patada nos princípios!

Segundo acabam de nos informar o prêso Domingos da Silva, que esteve incomunicável mais de quinze dias, quando a lei não o permite senão durante quarenta e oito horas; que passou fome na prisão, que estando ferido por um tiro numa perna, tendo uma fistula no peito e uma brecha na cabeça nunca lhe fizeram curativos em termos, vai entrar hoje no hospital.

Porém as autoridades—segundo nos informaram também—só permitem o seu internamento no hospital, com um polícia à cabeceira da cama para guardá-lo.

A ser verdade o que nós dizem, podemos perguntar afoitamente às autoridades, ao governo, à república onde meteram os princípios de humanidade, de fraternidade que tanto agitaram aos olhos do povo para seduzi-lo e escravizá-lo depois.

Acaso no tempo de Sidónio Pais, quando o sr. António Maria da Silva se encontrava hipoteticamente doente no hospital de Santa Marta, tinha sentinela á vista?

Um doente acompanhado por uma sentinela!!

E haverá médicos capazes de suportar semelhante vexame?

O sr. António Maria da Silva, quererá para os outros os males que para si não deseja em igualdade de circunstâncias?

PARA A GREVE GERAL?

Se o proletariado o entender irá para ela
.. defendendo os princípios de liberdade ..

A imprensa de quando em quando, para alarmar os seus leitores afirma que a C. G. T. ou a U. S. O. vão proclamar a greve geral.

São invenções de mau gosto que, tendo o intuito de nos colocar mal perante o público, apresentando-nos como solidários com bombistas, não conseguem senão captar-nos simpatias porque o público bem elucidado e consciente sabe que a Organização Operária, longe de solidarizar-se com bombistas, não deixa porém de dar todo o seu apoio às vítimas da campanha reaccionária que há tempo a esta parte se desencadeou sobre o país.

Greve geral? Não, porque o proletariado não o determinou por enquanto. Mas se realmente se pronunciasse pela greve geral—o que é muito provável—não faria mais do que o seu dever, pois empregava os seus melhores esforços para fazer cessar uma série de revoltantes arbitrariedades.

Greve geral. Mas que poderá ter uma greve geral? É o odioso para os jornais falarem dela, como quem fala dum cataclismo?

Greve geral, sim, se for necessário, para impedir que se continuem a espancar barbaramente os presos na cadeia para obrigá-los pela violência, a confessar crimes que não cometeram!

Greve geral para que não se repitam as barbaridades de que foi e está sendo vítima o operário Domingos da Silva, que o mantiveram incomunicável com perigo de vida e quasi o mataram à fome!

Greve geral para abrir as portas da cadeia a um punhado de operários honestos que rancorosamente são perseguidos agora para fazer saber ao sr. António Maria da Silva que o operariado consciente tem tanta repugnância pelos bombistas que não pode admitir que eles, presidindo a ministérios, mandem enclausurar aqueles que o não são!

O proletariado ainda não se pronunciou por uma greve geral. Entretanto, ele está disposto a envolver-se pelo caminho mais enérgico—aquele caminho que tenha o condão de conduzi-lo à libertação dos seus camaradas injustamente enclausurados.

Só não seria admissível essa greve geral, que o burguês tanto teme, se o governo não perseguisse, não permitisse espancamentos, crueldades, atropelos às leis que deveria ser o primeiro a respeitar!

Só não seria lógica a greve geral se o operariado vivesse naquele regime de paz e de bem-estar que os republicanos prometeram em altos berros no tempo da monarquia.

O Inquilinato

Realiza-se hoje, às 17 horas, um grande comício público promovido pelas Juntas de Freguesia

O parlamento continua mantendo em face do importante e angustioso problema do inquilinato, uma indiferença e um silêncio, manifestamente lamentáveis e condenáveis.

Não há maneira de os parlamentares tam ocupados em meras questões pessoais e políticas, questões que nada adiantam e nada significam, pois que todos se dão às mil maravilhas, discutir o projecto da autoria do dr. sr. Catão de Menezes. Já várias reclamações se têm feito nesse sentido ao parlamento. Mas, nenhuma delas, tem movido os parlamentares a prestar a atenção a um problema de tam alto interesse para a população. Os parlamentares, ainda persistem, apesar de todas as razões e de todos os protestos, a não prestar atenção.

Os senhorios não cessam de atentar contra os direitos dos inquilinos. A Boa Hora, tem sido nos últimos tempos nas mãos dos senhorios, graças à influência poderosa que dimana do seu dinheiro, uma verdadeira gazua que arrebata as portas dos inquilinos e os priva das habitações em que muito legitimamente deviam continuar morando.

A situação continua mantendo-se insustentável. Os senhorios comendo todas as tropelias e os inquilinos sofrendo-as, Mas, tanta resignação não pode manter-se indefinidamente.

Um dia virá em que os inquilinos perderão completamente a paciência e resolverão a questão por um acto de força que podendo ser um acto desesperado, seria contudo, um remédio radical.

Não nos acusem de incitarmos o inquilinato de medidas duma violência extrema e porventura sangrenta. Contudo as circunstâncias podem mais que as palavras de conciliação e de prudência. No dia em que a paciência dos inquilinos totalmente se esgotar, serão iniciais todas as medidas repressivas. E venham depois, os verdadeiros, os autênticos culpados de se chegar a essa situação, dizer que ela é obra dos agitadores profissionais!

As Juntas de Freguesia, realizam hoje, às 17 horas, um comício, no recinto do Quartel dos Bombeiros, à Avenida Presidente Wilson, com entrada pela rua João das Regras.

A este comício devem ir todos os inquilinos para afirmar o seu protesto contra os senhorios e os parlamentares, seus cúmplices.

O que deliberou a União dos Sindicatos Operários

Na reunião de ontem do conselho de delegados com as direcções dos sindicatos de Lisboa, foi apreciada a realização do comício público pro-inquilinato, promovido pelas Juntas de Freguesias, ficando resolvido representar-se por um delegado da U. S. O. em harmonia com a moção que segue:

«Considerando a absoluta necessidade de se afirmar em todos os lugares os pontos de vista da União, contrapondo-se aos possivelmente políticos das Juntas de Freguesias;

«Considerando que a ausência da União ao comício das Juntas seria tomada pelo proletariado e pelo Estado como uma prova de desinteresse pela gravíssima questão;

O conselho de delegados e direcções dos sindicatos de Lisboa, resolvem fazer-se representar no referido comício, não colaborando, porém, nos trabalhos das Juntas.»

Na reunião do Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa tratou-se do comício a realizar hoje

O Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, na sua sessão de ontem, tomou conhecimento da disposição em que se encontram os representantes dos vários agrupamentos políticos parlamentares de encontrarem, rapidamente, uma fórmula de conciliação que leve à aprovação das modificações à lei do inquilinato, em debate no Senado da República.

Tomou resolução sobre o comício a

INIQUIDADES!

Um doente com sentinela á vista!
Presos espancados barbaramente!

Segundo nos informam, Domingos da Silva, que o hospital de S. José se dispunha a recebê-lo ontem, pelas 11 horas, só ali foi conduzido às 14 horas. O resultado é bem fácil de adivinhar: mais um dia de espera. Só hoje, pelas 11 horas, o hospital volta a recebê-lo.

Mas em que condições? Nas mais revoltantes, nas mais vexatórias que se pode conceber. As autoridades pretendem que Domingos da Silva esteja guardado no hospital, com sentinela á vista.

Ora, não pode haver médico, digno desse nome que consinta tam grande barbaridade. Sabe-se que para a cura dum mal físico é necessário o repouso espiritual. Que repouso, porém, pode ter um doente que tenha sempre na sua presença o seu carrasco?

Lembra-nos que no tempo de Sidónio Pais, António Maria da Silva, o que está governando, foi prêso também. Para furtar-se aos horrores do cárcere, António Maria deu parte de doente e recolheu ao hospital de Santa Marta, onde esteve perfeitamente á vontade. No tempo de Pimenta de Castro (quando o adversário sobre ao poder, António Maria adoece) também o que é hoje presidente de ministros, recolheu ao hospital e tam á vontade lá esteve que conspirou melhor do que se estivesse em sua casa.

Consentirá esse mesmo António Maria da Silva que um doente verdadeiro sofra os vexames que nunca ninguém pensou em infligir-lhe?

Admitirão os médicos do hospital que se pratique o crime cujo projecto nos vieram contra?

Barbaros!

Izequiel Seigo também incomunicável há dias sem comêto tem sido barbaramente agredido na prisão.

Tal procedimento é revoltante, é condenável. Os tempos do Torquemada ressuscitaram. Os processos infames de Sidónio Pais revivem, criando no povo um ódio profundo, um rancor surdo que não perdoa contra esta república de lama!

Processos repugnantes

Recordamos do Diário de Lisboa de ontem:

«Publicamos uma informação do governo civil referente a Joaquim Augusto Bettencourt Azeite, prêso como implicado nos últimos atentados dinamitistas. Procurou-nos a mãe do Azeite que nos garantiu que seu filho nunca foi dinamitista, sendo um operário honesto e sóbrio, e que se foram apreendidas bombas na sua casa da rua do Salvador, foi porque um indivíduo as colocou lá, pouco antes de chegar a polícia.»

Al está, pois, como se arranjam os bombistas.

Os «passeios» do vil denunciante

Para que a atmosfera pesada do cárcere não prejudique a saúde daquele asqueroso indivíduo que anda a soldo da polícia, e que dá pelo nome de António Duarte, as autoridades fazem-no «passear» pela cidade, acompanhado de agentes á paisana, numa verdadeira caça ao homem.

A repugnante criatura, na companhia de guardas á paisana, andou ontem à noite pela Baixa, entrando no café Marcial, chapéu sobre os olhos e uma mão na alcatrã da pistola. Den por lá al

realizar hoje, às 17 horas, no recinto do Quartel dos Bombeiros, à Avenida Wilson, com entrada pela rua João das Regras, visto a autoridade não haver consentido essa manifestação na via pública.

O Conselho recebeu numerosas adesões de colectividades de Lisboa, bem como do Porto, Coimbra e Santarém, onde o problema do inquilinato assume uma extrema acuidade.

Foram mandados afixar «placards» nas ruas da capital, convocando o povo para o comício.

As Juntas de Freguesia, como o seu Conselho Central, mantem-se em sessão permanente.

D. VIRGINIA RIBEIRO...

ou a opinião monstro...
duma mãe extremosa...

D. Virginia Ribeiro é uma mãe extremosa. Eu não o sabia pelo simples motivo que ignorava a sua existência neste desolado e atarracado planeta.

Ainda me interroguei mentalmente. Talvez a conhecesse e o seu nome fosse rebelde à minha memória. Ao fim dalguns minutos de peregrinação imaginativa por todas as Virgínias que conheço ganhei a certeza de que nenhuma delas se chamava, por apêlido, Ribeiro. Depois consegui adquirir a convicção de que todas as Virgínias do meu profundo conhecimento e respeito, nenhuma delas, era mãe extremosa. Eram casadas umas, solteiras outras, algumas até ainda recém-nascidas. Nenhuma delas era mãe, por graves e estêreis razões que não vem agora, muito a propósito...

No entanto, não deixo de aceitar a sua existência, sob o nome, na realidade, de muito sonoro e expressivo de Virgínia Ribeiro e na sua qualidade de mãe extremosa, qualidade de que não me posso gabar por razões de fácil compreensão. D. Virginia Ribeiro, como mãe extremosa, não deixaria de compreender neste ponto e até de concordar na impossibilidade que confesso, embora não especifique...

Diz essa senhora, na sua qualidade de mãe extremosa, diz que o crime de Maria Guerreiro, não pode ter atenuantes. Se todas as mulheres seduzidas e abandonadas, se defendessem da execração pública, suprimindo os recém-nascidos que seria feito delas?— pergunta a mãe extremosa.

Teriam morrido, pela certa—senhora mãe extremosa do meu profundo respeito, da minha maior admiração! De maneira que quem mata para se salvar, merece estar eternamente perdida para a liberdade, dentro duma cadeia, separada da vida por um mis grades fortes e uns guardas vigilantes. Mas há preconceitos que são verdadeiros assassinatos, preconceitos que conduzem a delitos como Maria Guerreiro, e para essas D. Virgínia Ribeiro, não tem uma palavra de condenação.

Contudo uma razão faria calar ou arrear os nervos a D. Virginia Ribeiro. Essa razão reside na qualidade de invoca de mãe extremosa que tem de defender os seus filhos através de todas as inclemências. Não será a mãe de Maria Guerreiro, uma mãe extremosa? E, pode ela desejar que sua filha seja condenada? Cremos que não. E, se essa mãe extremosa—a mãe de Maria Guerreiro—tivesse lido a sua deplorável carta no Diário de Lisboa não a consideraria uma mãe extremosa. Eu, não partilharia dessa opinião. Porque, D. Virginia Ribeiro eu considero-a, apesar de tudo, uma mãe extremosa... extremosa em desejar as lágrimas das outras mães e o sofrimento perpetuo das filhas delas. Contudo, rejeito que como mãe extremosa que, me recuse autoridade, isto é, diro, para apreciar as suas opiniões.

Cristiano LIMA

A reforma da educação

Na C. G. T. realiza no dia 8 de corrente, pelas 21.30, o dr. sr. Câmara Reis uma conferência acerca da reforma da educação que muito interessará o proletariado, visto que o dr. sr. Câmara Reis, é conhecedor do assunto e tem contribuído para o aperfeiçoamento intelectual do povo.

O proletariado terá ocasião de apreciar o valor da reforma da educação, apresentada ultimamente ao parlamento.

Excursão

a Cintra, Colares e Praia das Maças

O S. U. Metalúrgico de Lisboa, por diligências da sua Comissão Pró-Sede; realiza no domingo, 26 do corrente, uma excursão a Cintra, Colares e Praia das Maças.

A realização deste passeio obedece a um programa da referida Comissão para angariar fundos para melhoria da Sede e funcionamento das aulas do Sindicato.

Os bilhetes que tem o preço de 12\$50, são postos à venda hoje, na sede do Sindicato, onde podem ser requisitados, podendo ser pagos em três prestações.

Entre a família metalúrgica lava grande entusiasmo por esta excursão.

A TENTATIVA NACIONALISTA

Uma voz acusadora

Trata-se dum movimento reaccionário destinado a instaurar a tirania duma ditadura militar

A revolução não desapareceu, adiou-se...

Encontrámo-nos, em pleno Rosário, um elemento dos mais entusiastas que militam no partido radical. Fez-nos apressadamente um aceno e ia a afastar-se quando lhe soprámos uma pergunta—então, a revolução?—que teve o condão de o deter subitamente.

A pessoa por nós interpelada tem seguido de perto, atentamente, os maneios que elementos conservadores veem realizando no intuito de instaurar neste país um período de terror intenso. De modo que a sua opinião tinha para nós um interesse especial visto que era revestido dum certo conhecimento directo do que se premedita. Não tivemos grande dificuldade em o levarmos para o caminho das declarações. A sua indignação auxiliou-nos, explodindo nas seguintes perentórias frases:

—Pretende-se fazer uma sidonada, sem Sidónio. O exemplo do grande morto parece ter frutificado. Assim, desde que o sidonismo baqueou ainda não deixou de existir em alguns cérebros de políticos ambiciosos e irrequiutos, a ideia de dar um golpe de Estado, para estabelecer uma ditadura militar.

—Mas, a revolução de que para aí se fala...

—É a última tentativa feita por esses fascistas de pé fresco que pretende, a todo o custo, encher as prisões, e instaurar um regime de tirania e de violência, máximas.

—Falava-se em certos nomes...

—... Sim, fala-se. E os nomes que por aí se apontam, não deixam de ter uma certa verosimilhança. Por razões que são de fácil compreensão, não lhes apontarei. Basta que lhes diga que esta revolução é uma verdadeira salada.

Então nela envolvidos indivíduos que chegam a razões de ordem pessoal, que se esperam governar-se com bons apetrechos no caso da aventura revolucionária triunfar. Além desses arranjos que se disfarçam nas mais esquisitas opiniões políticas, há ainda elementos do sidonismo que pretendem tirar uma desforra ruidosa; há também entre os implicados no movimento, uma espécie de indivíduos que tam depressa se dizem republicanos conservadores, como se afirmam monárquicos. Esses,

são em via de regras, indivíduos que obedecem ao ódio que possuem contra todos os elementos da esquerda. Tudo quanto é extremista, lhes é ferozmente antipático.

—Dizia-se que eles contavam com grandes forças militares, entre a guarda militar...

—Sobre esse ponto permita-lhe que eu lhe responda, com bastantes reservas. Esperam-nos grandes surpresas. Convém não esquecer que existem no exército, entre a oficialidade, bastantes elementos conservadores. E com esses elementos que os revolucionários contam.

—E afinal, a revolução não estalou...

—... soube-se a tempo—e daí os revolucionários, que contam, é claro, como um dos factores do seu êxito, com a sua surpresa retraíram-se, deliberando adia-la.

—Nesse caso o perigo duma revolução é simplesmente adiada, nada mais.

—... não desapareceu. A revolução está simplesmente adiada, nada mais.

Houve um silêncio originado por uma intervenção inoportuna. Fim do silêncio, o nosso entrevistado fez, num tom enérgico as seguintes afirmações que servem de ponto final a esta curiosa conversação:

—O ódio aos pequenos, a protecção aos grandes—eis o lema dos nacionalistas. Pretendem dar a todos os monopólios, a todas as explorações, a todas as forças reaccionárias a posse absoluta da liberdade e da vida dos que se não resignam com este ignóbil estado de coisas. A esta provocação dos conservadores devíamos responder com um movimento enérgico que puzesse em prática algumas medidas eficazes. Aquela maneira de perseguir operários não está a exigir que na primeira ocasião favorável se promova uma fogueira onde ardam todos os cadastros de operários que não passam de vinganças policiais e «truques» governamentais?...

Lêr na 2.ª página:

A questão internacional

NOTAS & COMENTÁRIOS

Calúnias

A República cometeu ontem a graça de dizer que a greve geral revolucionária que esteve no chão, abortiu. E a seguir comete segunda graça dizendo que o facto de ter abortado a greve geral não impede que se trabalhe sem descanso no decantado movimento revolucionário que está na força.

Chama a estes dois carapetões, manobras. Nós chamámo-lhes com maior propriedade, calúnias.

Não abortiu nenhuma greve geral, o que não é novidade para ninguém. Como podia abortar se ela nem sequer foi lançada? Quanto ao facto de se trabalhar sem descanso num movimento revolucionário, nem vale a pena de mentir. Todos sabem que nós trabalhamos, que o operariado trabalha, não numa revolução, mas nas suas respectivas profissões que são em todo o caso mais e mais dignas que as do sr. Ribeiro de Carvalho...

O parlamento

Vai ser, como se consta, prorrogada, a actual sessão legislativa. O espectáculo de S. Bento, prolonga-se pois, este ano indefinidamente. A alegação que se encontrou para justificar o dilatar-se o adiamento, é lógica. O parlamento existe para votar um certo número de projectos e fabricar um certo número de leis e resolver também um certo número de assuntos que não dispensam a sua sanção. Mas, o parlamento esqueceu-se lamentavelmente de votar os projectos, de fabricar as leis e de resolver os tais assuntos. De modo que agora que o parlamento devia encerrar é que na realidade inicia a sua função. Devido a isso vamos suportar mais algum tempo os pagagios de oposição, os gracejos berradores de apoiados da maioria e o inconfundível sr. António Maria da Silva, a afagar a péra sempre em busca duma ideia—da tal ideia que nunca conseguiu possuir.

Novela Sucesso

Foi posto à venda o n.º 21 A Rainha, por Ramon Gomez de la Serna, tradução de Rogério Garcia Peres, ilustrações de J. Briones.

Entendimento gorado

Desinteligência russo-persa

LONDRES, 2.—Os delegados persas não chegaram a acordo com o governo russo acerca das negociações para o Tratado de Comércio, tendo abandonado Moscú e dirigido-se a Berlim.

ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIDADE
Pressos por questões sociais no L. menor. — Temos portador para entregar o dinheiro que aitem para os presos.
Federações
MOBILIÁRIA
Coimbra. — Joaquim Neto. — Informa-se recebeu officio da comissão organizadora do congresso corporativo.

